

## GUERRA E PAZ ENTRE AS NAÇÕES.

### A Paz Perpétua de Kant e a Dialética dos Espíritos dos Povos de Hegel

*Dignum et decorum est pro patria mori.  
Si vis pacem, para bellum  
Máximas romanas*

*Nos quartéis lhes ensinam a antiga lição  
de morrer pela pátria e viver sem razão.  
Geraldo Vandré*

*Dulce bellum inexpertis  
Erasmus de Roterdã*

*Stringiamci a coorte siam pronti alla morte,  
siam pronti alla morte l'Italia chiamò. Sì  
Inno nazionale italiano*

*Cadesti a terra senza un lamento e  
ti accorgesti in un solo momento  
che la tua vita finiva quel giorno  
e non ci sarebbe stato ritorno  
La canzone di Piero  
Fabrizio de André*

*Se questo è un uomo  
Primo Levi*

---

### APRESENTAÇÃO

O tema que escolhi é de extrema atualidade diante do recrudescimento dos conflitos armados nos últimos tempos: a guerra. Parece que a experiência trágica de duas guerras mundiais não foi suficiente para a contenção e menos ainda para a eliminação da guerra da face da terra. Não vamos aqui nos deter sobre as razões das guerras da atualidade, questão que deixamos à análise dos especialistas em geopolítica, sempre mais solicitados hoje para tentar entender para onde vai a humanidade (com muita probabilidade para a catástrofe). Vamos refletir sobre os fundamentos ontológicos e antropológicos da guerra.

---

### OS FUNDAMENTOS ONTOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS DA GUERRA

A invasão da Ucrânia por parte da Rússia, a guerra entre Israel e Hamas na palestina, o ataque israelense e Norte-americano ao Irã, que se somam às inúmeras guerras

que assolam o planeta (sobretudo na África e na Ásia) estão trazendo de volta o fantasma da terceira guerra mundial. O Papa Francisco havia alertado que já estamos nela “aos pedaços”.

As guerras que citamos são mais perigosas porque envolvem potências nucleares. Em particular a guerra da Ucrânia ameaça o longo período de (relativa) paz que a União Europeia garantiu, pela primeira vez por mais de 80 anos na sua milenar história.

---

#### AS GUERRAS SEMPRE EXISTIRAM

O fato incontestável é que as guerras sempre existiram, a humanidade sempre viveu em estado de permanente guerra interrompido por breves períodos de tréguas entre duas guerras, mas nunca por uma paz duradoura. Este fato, porém, pode ser interpretado de duas maneiras opostas: a guerra é uma condição “natural” da humanidade, existe desde as comunidades primitivas, cresce a desmesura com a criação dos Estados e dos exércitos permanentes, e encontra o seu ápice na contemporaneidade com a guerra atômica, que inaugura a possibilidade real de extermínio universal da raça humana.

---

#### ELAS CONTINUARÃO A EXISTIR?

A questão é saber se as guerras continuarão a existir. Esta resposta depende das justificativas para a existência da guerra ou a sua abolição; se elas são um mal a ser evitado, ou uma necessidade que não pode ser eliminada; se contribuem para o “progresso da humanidade” ou para a sua destruição.

Quem defende a primeira posição considera a guerra não somente inevitável, mas necessária para “o progresso da humanidade”. A outra interpretação é o reconhecimento da permanência da guerra na história humana, mas não como uma necessidade histórica, mas como um obstáculo para o progresso moral e político da humanidade.

É óbvio, para quem conhece um pouco de filosofia, que estamos aqui nos referindo a dois filósofos modernos de primeira grandeza: Immanuel Kant e Friederich Hegel.

---

#### KANT, “À PAZ PERPÉTUA” E O DIREITO COSMOPOLITA

Kant não escreveu uma *Crítica da Razão Política* nos moldes da *Crítica da Razão Pura*, da *Crítica da Razão Prática* e da *Crítica do Juízo*, mas deixou vários escritos sobre a história, a política e o direito que são relevantes para a fundamentação de uma visão cosmopolita das relações internacionais.

Para o idealismo transcendental kantiano, a política pertence ao âmbito das "ideias" ou dos "ideais" da razão e se ocupa das condições de possibilidade da convivência humana para a realização do “fim recôndito da natureza” que é o progresso moral e político da humanidade. A política, portanto, não pode limitar-se à consideração do existente, mas indicar um dever-ser, um *telos* que, para Kant é, no âmbito interno, a criação do Estado civil republicano e, no âmbito internacional, a realização do direito cosmopolita como garantia de uma paz que não seja uma mera trégua entre duas guerras, mas algo permanente: a paz perpétua.

---

### O DIREITO COSMOPOLITA E A PAZ PERPÉTUA

Kant detecta um vazio jurídico nas relações entre as nações, as quais se comportam reciprocamente como se estivessem em um estado de guerra permanente, interrompido por períodos de trégua, mas não de paz verdadeira. Este vazio deve ser preenchido com um novo tipo de direito, o *jus cosmopolitanum*, um direito supranacional no qual não somente os Estados, mas também os indivíduos seriam sujeitos titulares de direitos. O projeto filosófico de *A Paz Perpetua* propõe o “ideal regulador” de uma Federação Mundial de Estados nacionais constituídos livremente que promoveria instituições comuns para regulamentar suas relações.

---

### HEGEL: A HISTÓRIA MUNDIAL

Oposta àquela de Kant é a de Hegel, idealista em metafísica, mas realista em política. Para Hegel, como para Hobbes, os únicos sujeitos de direito internacional são os Estados soberanos e secundariamente os indivíduos histórico-mundiais como César e Napoleão.

Em Hegel o Estado se torna a “encarnação” do Espírito Objetivo na terra. Hegel divide o Direito Público externo em Direito Externo do Estado, que atua como “indivíduo particular, em relação com outros indivíduos particulares”, e **História Mundial**, onde “estes espíritos particulares são apenas **momentos** no desenvolvimento da ideia universal do Espírito na sua realidade efetiva (*Wirklichkeit*)””. O estado de guerra é a condição “natural”, fruto das relações de forças entre os Estados soberanos que se comportam como indivíduos nas relações recíprocas.

---

### A DIALÉTICA DOS ESPÍRITOS DOS POVOS

A **dialética dos espíritos dos povos**, ou dito de outra forma, a **guerra** é a condição necessária para permitir que o “espírito avance até chegar a si mesmo e realizar a sua verdade, e o afazer da mesma é o *direito* sumo e absoluto”.

Portanto, Hegel se insere a justo título na tradição realista que, desde Maquiavel até Max Weber e Carl Schmitt, passando por Hobbes e Espinosa, pensa a política internacional em termos de equilíbrio de relações de força e de hegemonia entre Estados soberanos, e é um dos maiores críticos dos projetos filosóficos, como o de Kant, que imaginavam uma república universal ou um governo mundial regido por um direito “ultra estatal” e cosmopolita.

---

### A CRÍTICA À PAZ PERPÉTUA DE KANT

Para Hegel, a Federação de Estados proposta por Kant dependeria sempre da vontade soberana e da concordância de cada Estado, que é algo “contingente”, sempre sujeito a uma possível e permanente ameaça de dissolução. Por isso, afirma Hegel: “O litígio dos Estados, à medida em que as vontades particulares não encontram nenhum acordo, apenas pode ser decidido mediante a *guerra*”.

Bem antes da elaboração de Carl Schmitt, Hegel havia definido a relação amigo/inimigo como algo essencial e inevitável nas relações entre Estados. E conclui com uma frase que ficou famosa: “Apesar de tudo, as guerras acontecem, quando estão na natureza das coisas; as sementes se abrem uma vez mais e as tagarelices emudecem **diante das severas réplicas da história**”. Por tagarelices aqui Hegel entende os ideais *à la Kant* sobre a paz perpétua e a retórica moralista e pacifista.

---

### A HISTÓRIA DEPOIS DE AUSCHWITZ

Os acontecimentos da primeira metade do século passado, talvez o pior da história da humanidade, levantaram tragicamente a questão do **sentido da história** “depois de Auschwitz” que foi interpretado por três filósofos, não por acaso todos hebreus, Hanna Arendt, Theodor Adorno e Han Jonas.

---

### HANNAH ARENDT E A ORIGEM DO TOTALITARISMO

**Hannah Arendt** enfrenta esta questão em a *Origens do totalitarismo*. A tese central da filósofa é que o totalitarismo (de Hitler e Stalin) é uma forma nova, inédita na história humana, na qual o Estado é dominado por um único líder, um único

partido, uma única ideologia (o nacionalismo, o racismo, o comunismo) e, através da propaganda ideológica e dos aparelhos policiais de repressão ao dissenso, controla todos os aspetos da vida humana porque invade totalmente a esfera privada e controla a esfera pública dos seus habitantes que não podemos definir propriamente cidadãos, porque não têm direitos: o Estado tem direitos e os habitantes deveres para com ele.

---

#### ARENDT E BANALIDADE DO MAL

Arendt desenvolve o tema da burocratização do mal absoluto, que se torna banal porque coloca em movimento um processo de destruição, que se autogoverna e autoalimenta uma vez dado o comando inicial (que aliás nunca foi dado por escrito por Hitler!) em que cada membro desenvolve uma tarefa particular sem compreender (ou sem querer compreender) e controlar o inteiro processo: cada membro é uma parte de uma engrenagem que funciona de maneira automática. Isso faz com que os sujeitos do genocídio sejam desresponsabilizados individualmente enquanto peça de um conjunto mais amplos que são obrigados a respeitar pena a própria morte. Um mecanismo perverso realizado minuciosamente em larguíssima escala.

---

#### THEODOR ADORNO: A EDUCAÇÃO APÓS AUSCHWITZ

**Theodor Adorno**, em *A educação após Auschwitz* denuncia esta máquina infernal e trata do resgate da memória histórica como tarefa permanente para evitar o repetir-se desta história trágica. Adorno alerta que o nazismo como sistema político morreu, mas como ideologia continua existindo. Infelizmente os recentes acontecimentos europeus (e mundiais) mostram a realização desta possibilidade, que também Umberto Eco havia detectado quando afirmou que há um “fascismo eterno”, que reaparece e que está se expandindo em vários países de maneira assustadora.

---

#### HANS JONAS: O CONCEITO DE DEUS APÓS AUSCHWITZ,

**Hans Jonas**, conhecido pelos seus estudos sobre o gnosticismo e pelo *Princípio Responsabilidade*, escreveu um opúsculo intitulado *O conceito de Deus após*

*Auschwitz*, em que afirma que os atributos que a tradição judaico-cristã coloca em Deus são fundamentalmente três: Deus é onipotente, onisciente e bom.

Esses atributos para Jonas não são compatíveis, ou Deus é onipotente e onisciente, e então não é bom porque não intervém para inibir o mal; mas não podemos imaginar um deus malvado, então se queremos preservar o conceito de um Deus bom e de um Deus onisciente devemos negar a Deus os atributos da onipotência. Deus não intervém no mundo, não há uma providência divina, Deus criou o homem para ser livre e está no homem a responsabilidade do mal exercício desta liberdade. A liberdade está fundada no abismo do nada, é pura possibilidade de fazer algo; não há no ser humanos mecanismos instintivos e naturais que proíbem de fazer o mal, aliás a violência do homem sobre o outro homem faz parte do longo processo de hominização.

---

#### A SOBERANIA DOS ESTADOS.

A soberania absoluta dos Estados foi considerada como um dos motivos principais pela explosão dos dois conflitos mundiais e foram feitas tentativas para criar uma ordem internacional que criasse um poder “supraestatal” que evitasse a terceira guerra mundial: a ONU Organização das Nações Unidas e a DHDH e, posteriormente, a União Europeia.

Se olharmos os acontecimentos recentes podemos observar que a **ONU** continua sendo um lugar relevante para o confronto ideológico e as negociações diplomáticas, um fórum de debate entre adversários e inimigos alguns deles em guerra; mas sem nenhum poder para intervir nas guerras em ato: baste pensar nas dezenas de vezes que os países (por exemplo Israel) descumpriram as determinações da ONU, ou a impotência da ONU diante da invasão da Ucrânia por parte da Federação Russa ou da guerra de extermínio de Israel contra os palestinos.

Deste ponto de vista me parece ser mais exitosa a experiência da União Europeia.

---

#### A UNIÃO EUROPEIA e “A PAZ PERPÉTUA”

*O problema que deve ser resolvido em primeiro lugar  
e do fracasso do qual qualquer outro progresso não seria que uma aparência,  
é a definitiva abolição da divisão da Europa em Estados nacionais soberanos.*

Essas palavras são do *Manifesto para uma Europa Livre e Unida*, mais conhecido como *Manifesto de Ventotene*, porque foi redigido e distribuído clandestinamente em

1941 pelos opositores ao regime fascista exilados na ilha de Ventotene: manifesto que é considerado o primeiro embrião da futura União Europeia.

A **União Europeia** (UE) parece seguir “literalmente” os três artigos definitivos de *À Paz Perpétua*, ainda que nem sempre os respeite na prática:

---

#### A CONSTITUIÇÃO EM CADA ESTADO DEVE SER REPUBLICANA

Kant entende por republicana uma forma de governo que garanta a **liberdade** dos seus membros (enquanto homens), a **dependência** de todos a uma única legislação comum (enquanto súditos da lei) e a **igualdade** perante a lei (enquanto cidadãos), princípios que se fundam no contrato originário. Para aderir à União Europeia os Estados devem respeitar as cláusulas democráticas, o que na verdade nem sempre acontece como demonstram alguns Estados que se parecem mais com as autocracias do que com a democracia.

---

#### O DIREITO DAS GENTES DEVE FUNDAR-SE NUMA FEDERAÇÃO DE ESTADOS LIVRES

A UE não é uma Federação nem uma Confederação, é algo *sui generis*, uma “União” de 27 Estados que por decisão própria se submetem a um direito “supranacional”. Atualmente existem duas tendências no seu interior, como se viu claramente na eleição para o Parlamento Europeu em junho de 2024. Há quem defenda **mais Europa** e menos Estados soberanos, na perspectiva de alcançar os Estados Unidos da Europa; e os chamados “sovrânistas” que defendem **menos Europa**, e mais soberania dos Estados, proposta que está crescendo em vários países do bloco: ver o exemplo da *Brexit*.

---

#### O DIREITO COSMOPOLITA

**Esta Federação deve se submeter ao direito cosmopolita entendido por Kant como hospitalidade universal;** ou seja, “o direito de um estrangeiro a não ser tratado com hostilidade em virtude da sua vinda ao território de outro”, um princípio violado quando os refugiados por motivos econômicos, ambientais ou políticos são impedidos de entrar nos países europeus. A UE não conseguiu criar formalmente uma Constituição porque alguns países não a aprovaram através de um referendunum, mas há tratados europeus que regulamentam a EU e que funcionam como uma referência para todos os Estados-membros.

---

## UMA FAÇANHA HISTÓRICA

Apesar dos limites e das falhas, é evidente que a UE conseguiu uma **façanha histórica**: evitar as guerras entre países europeus e garantir uma paz duradoura, de mais de 80 anos, a primeira depois de milênios de guerras, desde a *pax romana* do imperador César Augusto.<sup>1</sup> As gerações do após guerra tiveram uma expectativa de vida nunca vista anteriormente, não somente pelos progressos da medicina e das condições de vida, mas também porque, pela primeira vez na história, não foram massacradas pelas guerras, como todas as gerações passadas.

Paz que infelizmente a invasão da Ucrânia por parte da Rússia (que não deixam de ser duas nações partes da Europa), em 24 de fevereiro de 2022, rompeu com consequências imprevisíveis para o processo de integração da própria União Europeia, a ameaça de uma *escalation* e ampliação do conflito, e a realidade de uma corrida armamentista. Em lugar de combater conjuntamente o aquecimento global, as desigualdades sociais, as pandemias, o drama das migrações, da fome, da seca das enchentes os Estados investem bilhões de dólares ou euros na produção de armas de destruição de massa, sem excluir a possibilidade de uso de bombas atômicas!

---

## A VOLTA DA DIALÉTICA DOS ESPÍRITOS DOS POVOS.

Apesar do sucesso da UE em garantir internamente uma longa e relativa paz, atualmente o ponto de vista do realismo hegeliano, ou seja, **a dialética dos espíritos dos povos** está prevalecendo em um mundo disseminado de conflitos. A situação é alarmante. Nas décadas de 80 e 90 os Estados Unidos e a União Soviética, apesar da guerra fria, haviam assinados tratados desde 1987 para eliminar todos os mísseis atômicos e convencionais e até 1991 URSS e USA haviam destruído um total de quase 3.000 mísseis.

Após o fim da guerra fria e a dissolução do pacto de Varsóvia, o Ocidente perdeu uma grande oportunidade para continuar o desarmamento, extinguir ou redimensionar profundamente a OTAN e praticar uma política de colaboração e não de conflito. Prevaleceu o entendimento dos EEUU de ter vencido a 3ª guerra mundial e que era chegada a hora do imperialismo americano dominar o mundo.

---

<sup>1</sup> O que não significa que os países europeus não foram atingidos pelas guerras: ver o exemplo das guerras provocadas nos Balcãs pela dissolução da ex-Jugoslavia, ou as guerras pela independência das potências colônias inglesas e francesas.

## O FIM DA ERA DO DESARMAMENTO

Atualmente, após a invasão da Ucrânia por parte da Rússia, os mísseis americanos voltaram a ser colocados na Europa, o que significa **o fim da era do desarmamento**. A lógica antiga da política de potência volta ser a prioridade sobre a lógica do diálogo e dos tratados de cooperação internacional, que haviam caracterizado as últimas fases antes da implosão da URSS, da queda do muro de Berlim e do fim da guerra fria.

Hegelianamente essas guerras podem ser vistas como algo necessário (ou inevitável) para o “progresso da humanidade” e têm como sujeitos os povos ou os indivíduos histórico-mundiais. Para Hegel a história tende para o progresso da autoconsciência do Espírito na tríade Espírito Subjetivo, Objetivo e Absoluto, em direção a um sempre maior desenvolvimento da liberdade. Mas, admitido que assim seja, **qual é o papel dos indivíduos nessa história?** Que acontece com os indivíduos que deveriam ser os verdadeiros sujeitos da história? Como Hegel explica a morte massiva destes indivíduos, a existência do mal (e do mal absoluto) na história? O interpreta como “**momento negativo**” no processo de desenvolvimento da tríade que se resolve na síntese e superação dialética dos contrários.

Na filosofia da história de Hegel não são os indivíduos os protagonistas da história, mas **sujeitos abstratos hipostasiados** como a Providência, a Nação, o Estado, a Natureza, o Espírito Universal, a Razão, a Pátria pela qual é digno e decoroso morrer (*Dignum et decorum est pro patria mori*). São essas entidades “abstratas” que governam os longos períodos históricos, mas a história dos indivíduos triturados por este mecanismo é de curta duração: começa quando abrem os olhos e termina quando os encerram.

-----

## OS INDIVÍDUOS VÍTIMAS DA HISTÓRIA

Na realidade, os indivíduos são as vítimas da história: nesse momento milhares de pessoas morrem por causas das guerras internas ou internacionais, são vidas que acabam e não meros números, que nos fazem pensar que a história não tem um sentido, mas é “um amontoado de escombros” como alguma vez o próprio Hegel reconheceu e Walter Benjamin afirmou nas suas “Teses sobre o conceito de história”

-----

## AS CARTAS DOS CONDENADOS A MORTE DA RESISTÊNCIA EUROPEIAS

Uma leitura impressionante e obrigatória para todas as gerações são as “Cartas dos condenados à morte da Resistência europeia” Nelas, se lê o destino trágico,

sobretudo dos jovens, diante de uma morte cruel, injusta e prematura e, ao mesmo tempo, a consciência de que esta morte é coerente com os próprios ideais de vida e que não será em vão, mas promoverá um mundo mais justo e pacífico. Legado que as gerações seguintes traíram, não souberam respeitar e que não estamos seguindo, nesses tempos de volta das guerras. Uma leitura muito árdua, que nos deixa profundamente perturbados

---

### NÃO RECOMEÇAMOS A GUERRA DE TROIA

Segundo Simone Weil, no ensaio intitulado *Não recomeçamos a guerra de Troia*, o paradigma fundante do Ocidente é a força assim como aparece na *Iliada*,

O verdadeiro herói, o verdadeiro argumento, o centro da *Iliada* é a **força**. A força utilizada pelos homens. A força que submete os homens, a força diante da qual a carne dos homens se retrai. [...] Quem se ilude que a força, graças ao progresso, pertença ao passado encontra nesse poema um documento; quem sabe reconhecer que a força, hoje como antigamente, está no centro de cada história humana, encontra nela o mais belo, o mais puro dos espelhos.

A força age em um duplo sentido.

A força é que transforma em coisa qualquer um que lhe é submetido. Quando é exercida até o fim, transforma o homem em uma coisa no sentido literal do termo, faz dele um **cadáver**. [...] Do poder de transformar o homem em coisa procurando a morte, procede um outro poder bem diferentemente prodigioso: aquele de transformar em coisa um homem que está vivo. Ele é vivo tem uma alma, mas é uma coisa.

---

### A FORÇA NA BÍBLIA

Mas o mesmo poderíamos dizer de outro grande livro que fundamenta o Ocidente, a **Bíblia** que é pontuada por episódios de extrema violência, como o fratricídio de Caim contra Abel e a conquista *manu militari* da “Terra prometida”, ou o episódio de Moisés que desce do Monte Sinai com a tábua dos dez mandamento, entre eles “não matarás”, e encontra parte do povo hebreu adorando o bezerro de ouro e ordena a matança de milhares de pessoas.

As experiências das duas guerras mundiais, da Shoa, dos campos de concentração, dos milhões de seres humanos aniquilados são a expressão mais radical destas afirmações

de Simone Weil: a transformação dos homens em coisas, objetos que podem ser aniquilados, e a morte em vida dos algozes, dos autores desses crimes hediondos. Experiências trágicas que não foram evidentemente suficientes para afastar definitivamente a violência do homem sobre outros homens e sobre a natureza.

-----

### CONCLUINDO

Para Kant, o fim da guerra, uma “paz perpétua” que não fosse a paz dos cemitérios, seria um poderoso sinal de que a humanidade progrediu, não só técnica, mas também moral e politicamente. Olhando para a história, a resposta à pergunta de Kant: *estará o gênero humano em constante progresso para o melhor?* só pode ser negativa: os progressos tecnológicos permitiram um aumento da qualidade e da expectativa de vida de milhões de pessoas (mas sempre de uma minoria), e ao mesmo tempo produziram os campos de extermínio, as armas de destruição de massa e a bomba atômica.

O poder que estava nas mãos de Deus de aniquilar a espécie humana, está agora nas nossas mãos. A utopia da paz perpétua não resistiu às hegelianas “severas réplicas da história”, e a força, a violência, a guerra continuam dominando o mundo em direção à catástrofe.

Diante desse quadro trágico precisamos fazer a nossa parte: não à violência, defender a não-violência, dizer não à guerra e defender a paz, dizer não à morte e defender a vida